

IV Coletânea Poesia de Quarta



Com o espírito, critérios e procedimentos sempre adotados, a presente 4ª edição contou com 42 poemas inscritos, oriundos de 10 estados do Brasil.

Outro dado que chama atenção é que mais da metade dos participantes são autoras e autores de comunidades atendidas pelo IFPB e IFPE, demonstrando de maneira indelével o caráter extensionista da presente ação cultural.

Por fim, contando com um alto nível de pontuação obtido após avaliação feita pela comissão avaliadora, 20 poemas foram selecionados para compor a IV Coletânea Poesia de Quarta.

Organizadores

Daniel Everson da Silva Andrade
Diego Nogueira Dantas

Colaboradores

José de Arimateia Tavares
Rayssa Vitória Santos do Nascimento
Wagner Chrystoph Morais Lima

IV Coletânea

Poesia de Quarta



COLETIVO POESIA
DE QUARTA

Pesqueira-PE
2024

Organizadores

Daniel Everson da Silva Andrade
Diego Nogueira Dantas

Colaboradores

José de Arimateia Tavares
Rayssa Vitória Santos do Nascimento
Wagner Chrystoph Morais Lima

IV Coletânea

Poesia de Quarta



COLETIVO POESIA
DE QUARTA

Pesqueira-PE
2024



DIAGRAMAÇÃO E ARTE DA CAPA
Daniel Everson da Silva Andrade

REVISÃO

José de Arimateia Tavares

COMISSÃO AVALIADORA

Glazianne Albuquerque Lacerda de França
Pamela Lopes Diniz Silveira
e Wagner Leal Guimarães

Este livro foi produzido através do projeto de extensão IV Coletânea Poesia de Quarta, inscrito no (EDITAL PROEXO/IFPB N° 01/2024), em parceria com a Biblioteca Profª Maria do Rosário Sá Barreto (IFPE Campus Pesqueira).

Catálogo na fonte
Daniel Andrade
CRB-4 PE-001871/O

IV Coletânea Poesia de Quarta /
Organizadores Daniel Everson da Silva
Andrade e Diego Nogueira Dantas. - 1 ed.
Pesqueira: Coletivo Poesia de Quarta.
58 p.

ISBN: 978-65-01-21268-5

1. Poesia. 2. Extensão Cultural 3. IFPE 4.
IFPB I. Título.

CDU B869.1

POESIA AQUI, ACOLÁ, ALHURES...

O Sarau Poesia de Quarta é uma ação continuada de extensão cultural, germinada em 2018 na Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras, com o intuito de fomentar um espaço de diálogo entre poetas de Cajazeiras e regiões circunvizinhas. Como procedimento de uma ação extensionista, foi realizada uma busca de parceiros sociais, que convencionalmente chamamos de “membros externos”. Externos porque estão além-muros do Campus Cajazeiras, no entanto, jamais devemos considerar essas paredes como empecilho físico e simbólico para o desenvolvimento da missão institucional de uma instituição educacional, que é justamente integrar-se a sua comunidade local, regional, nacional.

Nessa perspectiva, um parceiro de todas as horas apresentou-se para a cena: o Núcleo de Extensão Cultural da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras (NEC/CFP/UFCG). Com nosso Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes (NUCCA/IFPB) já consolidado, começou-se a realização dos saraus

poéticos nas dependências do NEC, no centro de Cajazeiras, um prédio por si marcado pela história e pela arte/cultura do sertão paraibano. Uma das marcas deste processo, presente até hoje, é a diversidade do público envolvido, reunindo um conjunto de poetas dos mais diversos estilos, gêneros, idades e escolaridades. Isso refletiu num potencial avassalador de possibilidades para um trabalho de integração e diálogo, sempre na perspectiva de ampliação e difusão cultural.

O encaminhamento natural foi o nascimento, em 2019, da Coletânea Poesia de Quarta, o primeiro concurso de poemas do “Sarau Poesia de Quarta”. Desde então, sempre considerando os princípios já ditos, foram realizados três concursos, culminando com o mesmo número de coletâneas, todas publicadas na página do NUCCA, no portal institucional do IFPB. O processo é feito a partir de inscrições de poemas, com a análise e avaliação feita por uma comissão específica formada por poetas de diversos matizes, considerando aspectos como originalidade, inventividade na forma e no conteúdo, além de adequação ao gênero literário. Saliente-se que a avaliação é feita em caráter anônimo, sem a identificação dos inscritos.

A partir do período de isolamento social e da imperiosa utilização de novas ferramentas de tecnologia e informação, tanto o sarau quanto o concurso ganharam novas formas, sabores e regionalidades. Com o processo de divulgação totalmente informatizado e a consequente ampliação da capilaridade de atuação de nossas instituições e coletivos culturais, poetas de várias partes do país passaram a submeter seus poemas. Apesar do foco nas comunidades atendidas pelos organizadores, essa participação diversa é vista como muito benéfica e louvável para a teia de relações e produção cultural que se pretende consolidar com o projeto.

Logo em seguida, em 2023, um novo parceiro social entrou em cena: a Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - Campus Pesqueira, que consolidou uma trinca de instituições que organizam e mobilizam suas comunidades para os concursos da Coletânea Poesia de Quarta: IFPB, IFPE e UFCG.

Com o espírito, critérios e procedimentos sempre adotados, esta 4ª edição contou com 42 poemas inscritos, oriundos de dez estados do Brasil. Outro dado que chama atenção é que mais da metade dos

participantes são autoras e autores de comunidades atendidas pelo IFPB e IFPE, demonstrando de maneira indelével o caráter extensionista da presente ação cultural. Por fim, contando com um alto nível de pontuação obtido após avaliação feita pela comissão avaliadora, 20 poemas foram selecionados para compor a IV Coletânea Poesia de Quarta.

Mais um marco do processo extensionista está sendo feito, evidenciando o comprometimento de pessoas e instituições com o desenvolvimento cultural e regional em sentido horizontal e popular. A 4^o Coletânea Poesia de Quarta já é realidade e certamente permanecerá presente aqui, acolá e alhures, com a pretensão de despertar, colaborar e incentivar a prática da poesia tão cara àquelas e aqueles que movem-se pela linguagem das palavras, ritmos e imagens.

A todas, a todos... boa leitura!

Diego Nogueira Dantas

Os poetas

DAVID MACIEIRA
KÉSIA VANESSA NASCIMENTO DA SILVA
IVALDO JOSÉ DE AGUIAR JÚNIOR
WLISSÉS GUIMARÃES SOUZA
GILSON FRANÇA GOMES
CIRO LEANDRO COSTA DA FONSÊCA
REGINA BEZERRA PEREIRA LIRA
KELDERLANGE BEZERRA ALVES
ANA JESSICA DA SILVA
CARLOS GILDEMAR PONTES
MARIA DO DESTERRO MEDEIROS
GABRIEL COSMO DE SOUSA
LEONARDO ASSIS DE ALMEIDA
MACIEL HENRIQUE CARNEIRO DA SILVA
ARIEL GUILHERME SANTANA TAVARES DE SOUZA
VALDERICE AMORIM DOS SANTOS
MARIA CLARA RAMALHO MEDEIROS
ERIVAN LOPES TOMÉ JÚNIOR
ALEXANDRE DOS SANTOS SOUZA
LIDIANE CRISTINA FÉLIX GOMES

Os poemas

INTENSO

Intenso, como fogo queimando em oxigênio
Como água desabando em cachoeira
Como luz brilhando em escuridão.

Ser intenso é aplicar sobre coisas,
Desde as mais simples,
Uma força que nos motiva a querer.

Te quero tanto que embarcaria em um navio de papel
Em meio a um oceano de águas turbulentas
Sem medo de me molhar
Sem medo de afundar
Sem medo de me afogar.

Caminharia em um rio de lava
Com pés molhados,
Evaporando gotículas de amor.

Escalaria uma montanha
Amarrado em veias que transportam o sangue
Que fazem meu coração bater por ti.

No exagero de minhas palavras
Esse surreal não me incomoda
Não me abala
Não me afeta.

O que seria do amor se não fossem os exageros?

Amar é exagerar
É pôr para fora tudo que há de bom por dentro;

É transferir para o outro o intangível;
É tocar com a alma;
É sorrir com os olhos;
É sonhar acordado.

Porque o amor só serve se for profundo
E na profundidade, se pode mergulhar
Sem medo de estar vazio.¹

¹ **David Macieira:** é natural da cidade de João Pessoa-PB. Apaixonado pela escrita, incorpora elementos da cultura nordestina em seus poemas, valorizando as tradições e a riqueza cultural da região. Seus trabalhos são frequentemente compartilhados nas redes sociais.

DADDY ISSUES

Acordei zonza.
Estive passeando pelo tempo.
O passado se atreveu e
quis de mim, respostas.

Tola.
Resisti à ferida alimentada pelo cronos.
A ausência cria monstros.
A ausência bloqueia a chegada dos anjos.
A ausência diz não ao homem.

A ida sem volta,
A indiferença no cotidiano,
A mensagem nunca recebida e
o parabéns não dado
também me modelaram.

Pronto.
Já temos a peça.
Com ele, é apática e descrente.
Com ela, é amorosa e entregue.
Afeto seletivo?
Não.
Pai ausente.²

² **Késia Vanessa Nascimento da Silva:** é professora de língua portuguesa. Apaixonada por música e cinema desde a infância, a linguagem artística sempre esteve presente em seu dia a dia. Possui inúmeras publicações de cunho teórico, mas o desejo em contar suas histórias sempre esteve vivo. Explora temas intimistas e retrata situações cotidianas, aparentemente banais. Acredita na experiência individual para refletir sobre questões da condição humana e a busca por sentido na vida.

AS RUAS QUE TRAFEGAMOS

As ruas que trafegamos
no mei da nossa cabeça
tem o que adaptamos
que se lembre ou esqueça
e moldam o que sentir
as dores do 'se não ir'
quando si'stá instigado
ou riso quando contente
contemplaçãõ do presente
nos refúgios do passado

As ruas que trafegamos
retém o que nos aquece
fortalece i'enfraquece
o pulso quando rasgamos
quando paramos o medo
e as chaves do segredo
tem muito do que mereça
menos do que se previa
gostos da noite'edo dia
tardes antes que'amanheça

Não durmas fique acorde-se
lembranças d'orvalharia
vá, sinta bem, rememore-se

dos tempos de rebeldia
das horas da desavença
e de dúvida na crença
tal mar no qual afogamos

tal chão que'ao passo se curva
e'o horizonte se turva
nas ruas que trafegamos.³

³ Ivaldo José de Aguiar Júnior: Desenha desde que se entende por gente e permanece. Em algum momento do percurso foi apresentado à poesia e pouco a pouco vem praticando e estudando. Noutro momento enveredou no cinema e nas artes de imagem em movimento, roteiros e sons. Pratica a música para respirar.

O AMOR COMO TESE

Você é meu melhor projeto
o que de mais tenho concreto
para problematizar.

Não tivemos fundamentos,
mas tenho mil argumentos
para nos justificar.

Hipotetizo a cada dia
como minha vida seria
sem a tua te encontrar.

Nessa vida louca e dura,
nosso laço de candura
não desata sem machucar.

Algo tão subjetivo,
por assim eu qualifico
o que tenho a pesquisar.

Sem percurso metodológico
somos par complexo e ilógico
Sem anexos e um apêndice
SOFIA para nos referenciar.

Só no fim a gente sente
aquilo que a mente mente
devemos continuar.

E coletando dados do tempo
vou espaçando em fragmentos

algo pra sintetizar.

A priori categorizo
tudo que tem sido meu riso
e concludo sem hesitar
ad aeternum irei te amar.⁴

4 **Wlisses Guimarães Souza:** é professor de Química do IFPE, campus Vitória de Santo Antão e apesar de ser filho de artistas, esposo de uma arteterapeuta, genro de uma atriz amadora, pai de um compositor e de uma cantora mirim; viu a poesia se aproximar na meia idade por necessidade de externar (e/ou exorcizar) sentimentos profundos que, de outra forma, não seriam tão nítidos. Chegou, segundo ele, despretensiosamente como inquilina, mas já tomou posse por usucapião.

INDO E VINDO INFINITO

Estamos em comunhão num sopro azul ondulado
Aqui, todos os corpos têm um lugar ao sol
De frente para o mar!
A alquimia solar transforma pele em bronze, areia em ouro
Coalho na brasa, cerveja gelada e água de coco.
Ah, como eu queria um banho dessa cor salgada todos os dias...
Iemanjá a mim inspiraria a compor frases com sentido
Porque não é no dia que está a beleza,
mas no que é sentido.
Na correnteza me chamando para entrar
só para formar uma onda e depois me mandar embora,
Mas eu não vou.
Sigo flutuando nos altos e baixos da maré
Apagam-se pegadas, juras de amor, castelos de areia
com lado azul da borracha do tempo,
Meninas e vovós passam diante dos meus olhos.
Pais brincam como filhos
Filhos descobrem a areia
como os primeiros peixes que saíram do mar
Foi aqui que tudo começou
É aqui onde tudo vai dar.⁵

⁵ **Gilson França Gomes:** é um escritor paraibano e professor de inglês, mas sua produção escrita se concentra em explorar as formas da língua portuguesa. Além de poemas, também já escreveu diversas crônicas e contos, publicados por meio de *newsletters* ou em suas redes sociais. São textos que contemplam a condição humana a partir de uma perspectiva que mistura aspectos psicológicos e espirituais dos seus personagens.

OS VERDADEIROS OLHOS

Os olhos do coração
Veem o invisível,
Escutam o indizível,
Auscultam o que sente a alma.

Na era da comunicação
Estes olhos estão cansados.
A vista embaçada
Pelo brilho intenso das telas.

Eus virtuais escondem a alma humana.
Avatares humanos se cruzam
Mas não se enxergam como humanos
Cheios de sonhos, de dores,
Carentes do verbo
Feito da verdadeira carne humana.

Falar, ouvir, sentir,
Verbos em desuso.
Mudez, surdez, cegueira
Diante dos valores essenciais,
Dos sentimentos que nos fazem gente.

Homens máquinas,
Sorrisos automatizados.
Máquinas de imagens
Escondem a verdadeira face humana.
Mas à alma não serve
Nenhum photoshop.

Treinado para esconder os sentimentos incômodos,
O homem finge uma felicidade estática.
Suas dores, angústias existenciais,
Questionamentos, temores,
Iras, ódios, amores,
Divergências,
São ofuscados pelo brilho de uma tela.

A solidão dos momentos difíceis
À espera de um ouvido real,
De uma voz de consolo,
De um olhar que enxergue
A essência da dor.
Momentos em que precisamos
De uma rede social real,
De amigos que não apenas curtam,
Mas compartilhem momentos,
Dividam angústias,
Suavizem o fardo.

Deixar apenas os corpos se entender
Com outros corpos,
Como poetizou Manuel Bandeira,
Porque as almas são incomunicáveis
Não dá sentido às relações humanas.
É preciso transcender o limite físico,
Alcançar a alma,
A real identidade
Tão difícil de ser construída
Neste mundo líquido
Como refletiu Bauman.

As almas são sim, comunicáveis

A interação entre os sentimentos,
Entre a inteligência dos corações
Consiste na verdadeira comunicação.

O homem primitivo
Desenvolveu a linguagem
Para expressar os seus sentimentos,
As suas necessidades,
Não só de comer, trabalhar,
Dormir.
Mas de sentir,
Amar, temer,
Ter fé,
Pertencer.

As figuras rupestres já mostravam a alma humana,
O pulsar de um coração de carne viva.

Luzes, telas, brilhos,
Tentam esconder alma,
O desassossego,
As boas e as más paixões,
A matéria-prima do que nos faz gente.

O olhar cansado
Pode ainda enxergar a luz.
Abrir os olhos para a degradação humana,
As guerras, a intolerância,
Apurar os ouvidos para a melodia da vida,
A poesia do ser.
Combater o barulho ensurdecido dos paredões,
O brilho nefasto das baladas que cega o olhar sensível,

A maior riqueza do homem:
Seus verdadeiros sentimentos.

Sentir, sinestesia suprema,
Os verdadeiros olhos
Veem a alma,
Percebem o pulsar da existência
Em seus sabores e dissabores.
Também mostram o brilho,
Aceso ou ofuscado,
Da chama da vida.

Espelho da alma
Onde o homem enxerga
E se enxerga.
Os olhos da alma
Cativam,
Tecem um laço
De amor e compreensão,
De alteridade,
Irmanam os que sofrem.

Esta é a função vital
Dos verdadeiros olhos,
Órgão não apenas físico
Do sentido da visão.
Mas, sinestesia sensível
Visão do coração.⁶

⁶ **Ciro Leandro Costa da Fonsêca:** é doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com bolsa CAPES/FAPERN. É poeta, escritor, estudioso da cultura popular nordestina, bem como biógrafo e pesquisador das histórias de vida dos agentes das culturas populares.

ASSOALHO

Ela entrou no salão de dança vazio
e o encheu de sons;
Pegadas, madeira rangendo entregando
a idade ainda em que havia sido talhada.
Eu estava literal, bem ali, pregada.
vendo, ouvindo e sentindo os pés sem raízes
vindo em minha direção;
então é aqui que "de tarde estremeço"?
Ela também entrou bem aqui dentro de meu peito,
salão vazio, e o esborrotou dela mesma...
Precisei de sutura, eu lembro!
ainda consigo sentir a cicatriz
do buraco por onde ela passou;
olha aqui o estrago ó!
Toca!
Sente?
Ah, eu sinto...
Ela, país, eu turista, com passagem na mão
e bagagens abertas por todos os cantos
do cedro envernizado que ela gostara tanto.
Lá estava eu desnorteada seguindo a ponta do nariz dela,
imaginando quantas noites levaria
para reproduzir um rascunho medíocre do todo, daquele
conjunto orquestral sinfônico
angelical montado acima de seu pescoço...
E quantas noites eu levaria para esquecer O desconcerto
que o conjunto da obra me causou?
A maior certeza diante do arranha-céu de não sei, era a
de que precisaria de uma bússola
com a sua partida iminente, ou iminentemente precisaria
de uma bússola com a sua óbvia

partida...

Sem menos, ela se foi!

Mas não antes de um feudalismo de olhares ternos
à casaco e souvenir de crochê...

De tudo, negociamos!

E aí,

Ela se foi;

E eu fiquei;

Atracada, saudosista, melancólica e naufragada no
mergulho raso do momento da frase "não
monogâmica".⁷

7 Regina Pereira: sertaneja de São José de Piranhas -PB, é Artista Plástica, Produtora Cultural e Poeta. Estuda e aplica técnicas de reconstituição afetivas e emocionais de maneira poética através da arte concreta e escrita.

MEU CORPO

Na sepulcral prisão do meu corpo,
definha e agoniza o meu espírito,
que tenta em vão lançar-se ao infinito,
deixando da cadeia, só o oco.

Pois que há numa existência sem sentido,
o dever de desvelar o ignoto,
ou tornar-se-á mero proscrito,
aquele cuja vida é um engodo.

Como poucos, conheço o precipício
que arrebatou este meu pobre abrigo roto,
restando tão somente o sacrifício
da perdição em sendas sem escopo.

Viver traduz-se em inefável sonho mítico,
que desfalece em mortal fétido fosso,
sem que se tenha ao menos atingido,
de Prometeu, o valioso fogo.

Ao vislumbrar tão torpe vazio,
sinto que não vivo; morro,
certo que a mim sobra o desvio,
do qual padece meu desvalido corpo.⁸

⁸ **Kelderlange Bezerra Alves:** autor de poemas que buscam retratar dores e pesares presentes em determinados momentos da vida. Os versos são uma forma de expurgar o sofrimento interno e, assim, externado, o sofrimento ganha uma nova perspectiva e enseja a superação das dores da alma e do coração.

IDENTIDADE

Tenho uma grande suspeita
Acho que sou a própria poesia
e por isso ninguém me respeita.

Há várias poesias por aí escritas
em papéis e guardadas como ouro.

Mas sinto que eu esbanjo o que preocupam entender
Eu intensifico cada gota do que chamam de sentimento.

As minhas lágrimas não transbordam conhecimento,
Elas transbordam o que vem de dentro.

Se você me der uma flor, eu te darei um buquê
E se me der um sorriso, faço questão de devolver.

Eu tenho desejo de sentir, mas sinto tantas coisas
que fica difícil caber
Tantas coisas que se assemelham com um vazio.

Quero ser alegre se puder,
Triste quando bem entender
E sensível quando amanhecer.

Sou uma poesia indiscreta,
Desequilibrada ao ponto de ser incerta,
Amável mas não o suficiente,
Dramática e inconsequente,
Mas tudo isso na tentativa de me expressar
De demonstrar que a poesia não fala só de amar.

Eu não tenho culpa de
não suprir com as expectativas de um leitor.

Sou uma poesia intensa e sensível
E se não sabe lidar com isso
Já sabemos o previsível.

Talvez você se veja no que é palpável
Seu mundo não prevê erros,
E sim o que pode ser prático e rápido.⁹

⁹ **Ana Jessica da Silva:** o seu primeiro contato com a poesia foi no slam do Instituto Federal de São Miguel. “Me apaixonei profundamente pelas palavras e desde 2020 me expresso através das letras.”

DEUS NO FACEBOOK

Num desses acasos tremendos
vi Deus on-line e puxei assunto.
Deus, quero abreviar minha morte,
peço para morrer dormindo.
E Deus disse:
Queres o mais fácil?
sem emoção, sem dor, sem fotos,
sem curtidas, compartilhadas, hastags...
por que não espera mais um pouco?
Olha ao teu redor, vê quanta banalidade!
Já fizestes teu self hoje? Precisas te sentir lindo!
Já viste a tua linha do tempo,
repleta de convites e postagens de encher o saco?
Não vê a paralisia que te acomete,
enquanto perdes horas a fio,
queimando tua vista, acumulando gorduras,
esmagando teus anéis vertebrais?
Se queres antecipar tua morte, fazes por tua conta.
Eu pouco me importo com as tuas maluquices.
Aliás, vamos encerrar esta conversa.
Não vi até agora nada que não seja teu egoísmo.
Quando pensei em dizer...
Deus ficou offline.¹⁰

¹⁰ **Carlos Gildemar Pontes:** Escritor. Doutor em Letras. Professor de Literatura da UFCG. Tradutor, revisor e ghostwriter. Coordena o Círculo de Pesquisa em Literatura, Estudos Decoloniais, Identidade e Mestiçagem CPLEDIM, UFCG-CNPQ; também coordena o Projeto de Extensão Diálogos Culturais Decoloniais. Tem 28 livros publicados.

FEIRA LIVRE DE SANTA LUZIA (PB): UM LEGADO HISTÓRICO

No sertão da Paraíba, tem um canto de alegria,
Santa Luzia resplandece, com sua feira todo dia.
É um legado histórico, tradição e união,
patrimônio do povo, orgulho do nosso chão.

Todo sábado bem cedo, antes do sol clarear,
o povo vai se achegando, com coisas pra negociar.
Barracas enfeitadas, produtos de todo tipo,
feira livre é cultura, nossa história e nosso rito.
Tem queijo, tem peixes, frutas e verdura,
artesanato de renda, obra-prima da costura.
Tapioca no fogão, carnes de todo tipo,
a feira é uma festa, de todo o coração.

Sou filha de agricultores, na roça cresci a trabalhar,
plantava e colhia feijão, milho, algodão, sem parar.
Pegava pinha com a mão, umbu dos imbuzeiros e caju.
Vendia galinha e ovos, desde cedo aprendi a lutar.

A feira é livre, recebe feirantes de todo lugar,
no Parque do Forró, eventos fazem brilhar.
No antigo espaço, o Mercado Público se ergueu,
só saudades no coração, de tudo que ali viveu.

Histórias se misturam, em cada esquina da feira,
gente simples, trabalhadora, de coragem verdadeira.
Ali se compartilham risos, também as dores e amores,
a feira é um espelho, de todos os seus atores.

Desde os tempos antigos, quando tudo começou,
Santa Luzia crescia, e a feira acompanhou.
Ponto de encontro antigo, de trocas e amizades,
um legado de luta, resistência e verdades.
O vaqueiro traz o couro, o artesão traz o bordado,
a mulher vende a renda, tudo muito bem cuidado.
O jovem aprende cedo, com as lições do avô,
a feira é uma escola, onde a vida se formou.

O tempo vai avançando, mas a feira permanece,
guardando na memória, o que o tempo não esquece.
Cultura é história viva, povo em comunhão,
feira livre de Santa Luzia, és orgulho do sertão.

Novos tempos, novas gerações, a tradição continua,
embora não seja igual, seu espírito perpetua.
Amo minha terra de origem, minha história a preservar,
na feira livre de Santa Luzia, meu coração a pulsar.¹¹

11 **Maria do Desterro Medeiros:** Mestranda em Ciências Sociais, Especialista em Educação Básica, Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia. Encontra força e inspiração em suas origens, em sua história de vida, cultura e patrimônio, que compõem sua identidade, mantendo um compromisso profundo com a educação popular, inclusão social e história oral.

ATRAVÉS DA ESTRADA DE POEIRA

Uma vez mais em minha trilha para casa
Nem tudo de mim, mas o que restou
Seguindo, entre a terra da estrada e o clarão do Sol
Como um desgarrado vou
Através da poeira, através desse mundo
Vigiado pela cerca que corre ao meu lado,
à minha frente, atrás de mim.

Seguido por um cachorro qualquer,
Talvez do mundo, talvez mais um eu
Se não tem patrão, eu não serei
Já tenho, quase o larguei
Ande em minha sombra, como quiser
O que tenho é o que vêes em pé
Não penso em continuar, apenas vou
Sou um corpo teimoso
Indeciso entre cair e andar.

Ao meu lado incontáveis árvores despedaçadas
Em guarda, de arames adornadas
São grades, são sombras quebradas
Por trás delas, gado e só gado
Uma plateia de cara fechada
Vagando por campos ilimitados,
plantados ou queimados
A última árvore entre os vivos, mal lembro
Foi a muitas braças, muitas passadas.

Escassas referências onde passo
Um caminho indescritível sigo
Paisagem simplificada, não tem nada

É uma pintura de poeira manchada
Olho para ela, ela não sorri, nada me diz.
Me perderia neste vento,
se asfaltada fosse esta estrada
Este rio de poeira me guia,
sou um pescador regredindo
Parti em um barco de coragem,
volto à nado
Nada de novo trago,
apenas velhos trapos, suados ou rasgados
Claro, tenho a extensão de meu braço, minha enxada
Como meu juízo, desacunhada.

Desvio o olhar desta enfadonha estrada
Casas ao longe, noutro passo, me olham
Não tem receio em encarar-me
Sou um náufrago qualquer nesta terra
Especulam de onde vim, pois vou-me ligeiro
Não importa o que sou
A estrada fica, quem nela está, é passageiro.
Meus sopros de lucidez me lembram do adiante
Na memória, a mais formosa das casas
Meu mundo em paredes de barro
Em um dos fins dessa estrada,
meu sonho de uma rede armada
Um copo de água e o sorriso de minha amada
Em verdade, no começo estava mais distante.¹²

¹² **Gabriel Cosmo de Sousa:** Licenciando em Matemática, é aspirante a bom leitor, interessado pelas ciências e pela linguagem universal da matemática. A única obra a qual dedica plena atenção é a sua história de vida, sobre a qual reflete e escreve diariamente.

ECOS DE DIONISIA : UMA ODE À MEMÓRIA E AO LEGADO

Nas veredas de Irará/Bahia,
Onde o sol beija a terra,
Nasceu Dionisia, uma flor negra da Bahia.
Sua infância, tecida entre as linhas de Alagoinhas/Bahia,
Foi um prelúdio de sua jornada.
Com o coração repleto de esperança,
E as mãos prontas para o trabalho,
Ela partiu para Salvador/Bahia,
A cidade das igrejas e do axé,
Carregando seus sonhos juvenis.

Aos quinze anos,
Dionisia cruzou os umbrais da vida adulta,
Não como quem busca refúgio,
Mas como quem desbrava novos mundos.
Empregada doméstica, sim, mas acima de tudo,
Guardiã de histórias que mais tarde se tornariam lendas.
Em cada canto da casa que cuidava,
Em cada sorriso que ofertava,
Ela plantava a semente de narrativas
Que floresceriam em seu grandioso quintal.

Seu quintal era um santuário,
Um reino onde as flores dançavam ao sabor do vento
E as árvores sussurravam segredos antigos.
Ali, Dionisia reinava soberana,
Contando histórias que faziam hesitar,
O tempo, temeroso de atravessar,
Momentos mágicos, da alma humana.
Suas palavras eram pinceladas de vida,

Colorindo a tela do cotidiano
Com matizes de sabedorias e resistências.

As tardes eram sagradas, e nelas,
Dionisia tecia o manto da tradição oral,
envolvendo-me em relatos
Que eram mais do que entretenimento;
Eram lições, eram heranças.
Eu, ainda menino, absorvia cada palavra,
cada pausa, cada riso e cada lágrima,
Gravando-as na alma como quem grava
Um epitáfio no mármore do tempo.

O ano de dois mil e dez chegou como um ladrão,
Roubando a presença física de Dionisia,
Mas não sua essência.
Suas histórias, outrora narradas em voz alta,
Agora ecoavam no silêncio do meu luto.
Guardei-as na gaveta mais íntima do ser,
Junto às lembranças de seu sorriso
E da força que emanava de seu olhar.

A pandemia do covid-19, uma década depois,
Trouxe consigo o isolamento e a reflexão.
Enquanto o mundo lutava contra um inimigo invisível,
Eu lutava contra o esquecimento.
As histórias de Dionisia,
trancadas a sete chaves na minha mente,
começaram a bater nas portas do meu coração,
Pedindo para serem libertadas.

Foi então que, em meio à febre e à incerteza,
As memórias de minha avó retornaram

Com uma clareza avassaladora.
Cada história, cada ensinamento,
Cada gesto de amor e resistência,
Ressurgiram, iluminando os dias sombrios da enfermidade.
Dionisia, mesmo na ausência,
Tornou-se minha companheira de quarentena,
Minha cura e meu consolo.

Minha trajetória acadêmica,
Do ensino médio ao mestrado
na Universidade do Estado da Bahia (UNEB),
Foi pavimentada com as histórias de Dionisia.
Em cada aula, em cada livro, em cada desafio,
Eu a encontrava...
Ela estava lá, no tamborete da memória,
Narrando suas histórias, enquanto eu,
Paralisado pela saudade, degustava cada palavra.

Escrever tornou-se meu oxigênio,
A maneira de manter Dionisia viva dentro de mim.
Cada poema, cada linha, cada verso
Era um encontro com ela,
Um diálogo entre dimensões.
A escrita era o meu tamborete,
O meu quintal florido,
O meu santuário de memórias.

Hoje...
As histórias de Dionisia não estão mais confinadas
Ao nosso quintal em Salvador/Bahia.
Elas atravessaram fronteiras, ganharam o Brasil,
E agora, através desta poesia,
Buscam tocar corações desconhecidos.

Esta mulher, negra, nordestina, empregada doméstica,
Mãe solo e vendedora de temperos na feira,
Chamada Dionisia Ferreira Avenas,
Tornou-se imortal através das palavras.

Cada estrofe desta ode é um tributo à sua vida,
Uma celebração de sua jornada de Irará a Salvador.
É um reconhecimento de sua luta,
De sua força, de sua capacidade de transformar
O ordinário em extraordinário.
Dionisia, minha avó, minha vózinha, minha Doquinha,
minha mestra, minha inspiração.

Ela me ensinou que escrever
É também respirar e transpirar dores.
É transformar a saudade em algo tangível,
É dar forma ao amor que transcende a morte.
É, acima de tudo,
Um ato de resistência,
Um ato de afirmação da vida.

Portanto, esta poesia não é apenas uma homenagem;
É um manifesto.
É a prova de que as histórias de Dionisia
Não se perderam no tempo,
Mas encontraram abrigo nas páginas da história.
É a prova de que, mesmo na ausência,
Ela continua a ensinar, a inspirar e a amar.

Dionisia vive em cada linha que escrevo,
Em cada história que conto,
Em cada aluno que ensino.
Ela vive na escuta sensível,

Na arte de contar histórias,
Na saudade que se transforma em criação.
Ela vive, porque enquanto houver quem escreva,
Haverá quem se lembre.

E assim, Dionisia Ferreira Avenas,
Torna-se eterna.
Não apenas em minhas poesias,
Mas na memória coletiva de todos aqueles que,
De alguma forma, foram tocados por sua história.
Ela é prova de que, mesmo as vidas mais humildes,
Podem deixar um legado poderoso.

Que esta poesia seja um convite
Para que outros também encontrem suas Dionisias,
Suas histórias, suas raízes.
Que seja um convite para que
A tradição oral continue viva,
Passando de geração em geração,
Como um fio que une passado, presente e futuro.

E que, ao final, possamos todos reconhecer
O valor das pequenas histórias,
Das vidas simples, dos quintais floridos.
Que possamos entender que cada vida é uma poesia,
Cada memória é uma estrofe,
E cada palavra,
É um sopro de eternidade.

Assim, encerro esta ode a Dionisia,
Com a certeza de que ela nunca será esquecida.
Pois enquanto houver quem escreva, haverá quem leia.

E enquanto houver quem leia, haverá quem sonhe.
E enquanto houver quem sonhe, Dionisia estará lá,
Contando suas histórias, Eternamente...¹³.

13 Leonardo Assis de Almeida: nascido sob o sol da bela Salvador/Bahia, filho de Edmundo Santiago, chamado Ray (pai), da doce Lindivalda Assis, carinhosamente Valda ou Moranguinho (mãe), e neto de Dionisia Ferreira Avenas. Desde os primeiros sopros de vida, nas fitas da infância, teceu seus primeiros versos poéticos, e hoje, adulto, floresce como escritor e poeta. Possui formação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Bacharel pela Universidade Católica Do Salvador (UCSal) e licenciado pela UNEB em Educação Física; Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e atualmente mestrando pela UNEB.

PERGUNTAS A UM PROFESSOR QUE LÊ

Quem construiu as sete utopias e os sete desejos
quando desejar incomodava em qualquer Tebas?

Quem fez da palavra o sonho, a revolução?

Onde está o Pi, o Piaget,
a prosa e o prazer?

Quem demonstrou aquela equação entre educar e
construir mundos?

Quem fez do mundo, o laboratório rico de suas
experiências muito humanas?

Onde estão os proletários da caneta, da fala, do saber?

E onde encontrar aquelas ideias e ideais que eram os
blocos de pedra de um novo
homem, de uma nova mulher?

Quem explicava o mundo como se fizesse a decifração de
um enigma?

Quem contava histórias de opressão e de terror,
e as denúncias de todos os males?

Quem falava da geografia de um mundo desigual,
da matemática injusta do capital,
da palavra certa como arma contra o mal?

Sim, naquele tempo havia um mal...

Hoje há muitos, e estão em todo lugar.

No salário que é um mal
que não paga o sal,
que é o doente terminal
(e termina)
de todo mês.

Na apatia geral,
na palavra que não se escuta,
na voz rouca, na caderneta, no tédio
na sala e no trajeto,

no plano e no projeto.

E o professor que lê perdeu as respostas,
e é preciso recuperar o gosto pela dúvida, pela incerteza,
e continuar a conduzir novos blocos de pedra ao cume de
um novo mundo,
com e sem classe, com gênero e com etnia,
geração, filho, filha, mulher, homens e todo o arco-íris de
desejos.

Porque, apesar e por causa de todos os males,
a Tebas ainda não ficou pronta.¹⁴

14 **Maciel Henrique Carneiro da Silva:** Sertanejo, professor e poeta, nasceu no Pajeú. É natural de Tuparetama (PE), “e minha mãe foi me botar no mundo em São José do Egito (PE)”. Desde cedo é ouvinte de cantoria em rádio, escutando a sua mãe glosar alguns versos, depois lendo, comprando CDs de poetas consagrados. Seus primeiros poemas se perderam nas mudanças da vida. Alguns foram publicados no livro *Retalhos & Bricolagens*. Publicou haicais na rede social *Instagram*.

TREMORES

Esquecendo os dias,
Percebendo as horas,
Tua mão trêmula nos preocupa,
Mas também nos faz tranquilizar.
A hora da chegada parece com a da partida,
Mas quem saberá o caminho a indicar?
Dias após dias,
Dores após dores,
E agora já estamos a chorar.
A lágrima fixa no rosto, mas já quer rasgar.
Mesmo tu com tua força,
Agora nos faz pensar:
"E se?"
Não teremos o passado,
Pois, passando, vão os dias,
E tua força agora é tua magia.
Não queremos dizer adeus,
Um "até logo" até pode ser,
Mas não deixe de ir sem antes nos perdoar.¹⁵

¹⁵ Ariel Guilherme Santana Tavares de Souza: jovem aspirante, escritor de poemas de versos livres; geralmente escreve para si mesmo. Porém, desde 2023, já posta alguns de seus poemas em sua página do Instagram. Participou do Sarau de 30 do IFPE - Campus Pesqueira em 2023.

AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA

A violência é composta
por várias faces definidas
todas elas causam dor
e também muitas feridas
no corpo e no coração
e a sua indicação
é a destruição da vida.

A violência sofrida
é toda aquela que é vivida
nem precisa encostar
para um estrago causar
basta ter boca e língua
uma mente diabólica
pra trazer danos a uma vida.

A violência psicológica
que alguém chega a sofrer
essa é uma das piores
pois nem precisa bater
afeta tudo que é necessário
para um indivíduo saudável
conseguir sobreviver.

A mente fica bagunçada,
a vida já não vale nada
já não se sente mais nada,
senão vontade de morrer
falta força e coragem
tem o domínio, a inutilidade
e tanto faz ser ou não ser.

Já a violência física
é impossível de sarar
mesmo que suma o hematoma,
a marca permanecerá
o medo fica invisível
aumentando-se o risco
de uma vida acabar.

Mesmo que fechem as feridas
do corpo de uma vítima,
tudo que foi sofrido
não se consegue apagar
o sangue já não escorre,
mas o medo o corpo percorre
e a alma continua a sangrar.

Muitas são as violências
que nem sempre têm evidências
não se escutam as crianças
que perdem a esperança
de um dia se salvar
e assim ficam caladas
por medo de apanhar.

São tantas as violências
que alguém pode sofrer
no corpo, na alma e na mente
e não conseguem se defender
às vezes pedem socorro,
mas nem sempre são socorridos
e ali ficam a padecer.

É difícil de escrever

sobre algo tão dolorido
sabendo que muitos tem vivido
histórias de amedrontar
a sociedade se cala
sendo preciso cores nos meses
para o tema explanar.

É preciso ser mais sensível
e deixar de ser ausente
estar atento a tudo
e identificar o diferente
dar a mão a quem precisa
escutar e apoiar
e tentar salvar uma vida¹⁶

¹⁶ Valderice Amorim dos Santos: é estudante de música (canto coral), poetisa amadora. Escreve ariepoemas autobiográficos.

QUANDO SE ENVELHECE SENDO JOVEM

Hoje tomei café na varanda
do meu apartamento
enquanto tomava um banho de sol
das nove horas.
Estava meio sem açúcar
e desejei ser aquelas pessoas
que gostam de café amargo.
E também estava meio frio,
um líquido espesso e granulado.
Pra falar a verdade,
eu nem mesmo gosto de café.
Mas vai que dessa vez eu gostasse?
Eu não gostei.
E engoli toda aquela mistura mal filtrada
com desgosto,
como se fosse remédio,
quase botando meu sanduíche misto para fora.
É meu aniversário de 20 anos
e esperava que, ao assoprar as velinhas,
meu gosto fosse mudar magicamente.
Eu esperava acordar gostando de café,
por exemplo,
gostando de livros mais chatos
sobre autoajuda,
temas mais entediantes
ou qualquer outra coisa
que esperam de pessoas adultas.
Mas pelo que parece
eu ainda sou eu.
Eu ainda sou a pessoa que gosta de livros mais bestas,
temas fantasiosos

e ama achocolatado.
É estranho ser eu
quando as pessoas esperam uma pessoa diferente,
como se eu não pudesse performar minha personalidade
por não se enquadrar na expectativa da minha idade.
Vai ver o processo de se tornar sem graça
seja lento como da fermentação do vinho,
maturando aos poucos,
se moldando sem pressa.
Vai ver eu não tô no ponto certo
e estou no meio do caminho,
trabalhando,
pagando minhas contas,
lidando com minhas responsabilidades,
ganhando algumas rugas
e fios brancos precoces.
E quem sabe um dia
eu passe a trocar meu achocolatado
por um café sem açúcar.
Por agora,
ser eu é suficiente.
E se um dia trocar o achocolatado pelo café,
que seja porque eu quis,
e não porque o mundo quis decidir
que era a hora de eu mudar.¹⁷

17 **Maria Clara Ramalho Medeiros:** desde criança é apaixonada pela escrita, utilizando a criatividade e a imaginação para dar vida a histórias e poemas. A escrita sempre foi uma forma profunda de conexão pessoal e de expressão. A temática favorita da autora é explorar as questões introspectivas sobre o mundo e a sociedade.

TALENTOS PARAIBANOS

Às margens do rio, entre os canaviais,
José Lins desenhou com mestria e brilho,
A vida dos engenhos e seus ideais,
Em páginas que ressoam qual estribilho.

Nos campos vastos, onde o vento entoa,
O doce aroma da cana embriaga,
E o homem, que à luta jamais se doa,
Faz do trabalho a espada que o afaga.

Nos verdes mares de palmeiras altivas,
A terra sussurra seus segredos crus,
E o sol, nas auroras sempre criativas,
Desvenda histórias em tons de azuis.

Zé da Luz, em versos de riso ligeiro,
Canta o sertão, a roça e a aridez,
Onde a seca esculpe o homem guerreiro,
E a fé floresce em sua solidez.

Augusto dos Anjos, nas sombras profundas,
Revela o brejo em tristes melodias,
Onde a dor e o mistério, em formas fecundas,
Transformam a vida em duras elegias.

Ser paraibano é ser mar de cana,
É ter nos cenários a alma e o Norte,
De Lins, Zé, Ariano, em voz que emana,
A glória imortal de um povo forte.¹⁸

18 Erivan Lopes Tomé Júnior: É professor de Língua Portuguesa do IFPB Campus João Pessoa, Diretor de Cultura na Pró-reitoria de

OLHARES, SABERES E SENTIDOS DO SERTÃO

Entre subidas e descidas,
Vales e colinas,
Seguia este trovador,
Com passos firmes e apressados,
Ouvindo histórias e relatos,
Contos, estórias e fatos,
Tudo no Sertão era, e é poesia.

No tempo em que fui criança,
Na companhia do meu velho pai,
Andando pelas veredas,
Entre seixos e pedregulhos
Que apanhávamos pelo chão
Para atirar na ave Tiziu
Que, por sorte, nenhuma pedra
nosso intento nunca atingiu.
Voa livre, Volatínia saltador!
Voa livre, bate-estaca cantador.

No tempo seco da mata branca,
Por onde passávamos, resistia firme:
O xique-xique, o mandacaru e a macambira.
E quando a chuva molhava a terra,
E nela a relva florescia,
Era tempo de renovo e magia.
Mimosa pudica, não-me-toques, dormideira...
“Fecha a porta maliça,
teu pai morreu e sua mãe foi pra missa.”

Extensão e Cultura, Mestre em Linguística e Ensino, Especialista em Educação Inclusiva, Graduado em Letras pela UFPB.

Aqui neste Sertão o sol brilha reluzente,
Refletindo a força de um povo valente.
Sol que brilha no alto céu,
Entre os cúmulos suspensos no ar
Que bailam nos ares do inverno do Sertão,
Fazendo a chuva cair neste chão
E a jurema e o facheiro florescerem
Fincados no solo delgado e rachado,
Onde o capim rasteiro cresce em meio ao cascalho.

Neste chão da mata branca,
Quando cai a chuva, o capim verde delinea o vale,
Bordejando o leito do rio e dos riachos,
Manancial que alivia o calor,
Caatinga, mata branca,
Que verdeja no inverno
Seus arbustos e arvoredos,
Paisagem onde o forte faz vereda,
Lugar de tanta vida e beleza.

Jardim dos espinhos e das flores,
Dos suculentos frutos das cactáceas,
Onde crescem as bromeliáceas.
Vejo flores a desabrochar,
flores que as abelhas vêm beijar.
E ao som dos passarinhos,
Que cantam e fazem seus ninhos,
Eu encontro o meu lugar.¹⁹

19 **Alexandre dos Santos Souza:** É doutor em Geografia pela UFPB. Professor e pesquisador do IFPB, Campus Catolé do Rocha. Tem experiência na área de Ensino de Geografia com ênfase em Geografia Física, Geociências, Geomorfologia e Educação Ambiental. Atualmente, tem pesquisado e desenvolvido atividades sobre Geografia Literária e descrição poética da paisagem.

NAS NUVENS DESSE SONHO

Ah, meu amor, se tu soubesses por onde vagueiam meus pensamentos à procura do teu ser...
No entanto, nada posso fazer, a não ser esperar por algo que sei que não irá se concretizar.
Cada vez que me aproximo de ti, tu te afastas de mim de maneira inexplicável. Às vezes, penso que é inútil te amar! Mas, ao receber dos deuses o merecimento de contemplar tua beleza, começo a sonhar... sonhar com o único que consegue me deixar nas nuvens – nas nuvens desse sonho.²⁰

²⁰ Lidiane Cristina Félix Gomes: é professora do IFPB, Doutora em Geografia, apreciadora de literatura e escritora amadora.

SANGUE, SUOR E POESIA

Desde que tenho 14 anos o rio da poesia vem atravessando meu caminho, e destemido como sou não caminhei pela margem, mas me atirei na correnteza navegando ao sabor dos versos. Estive em vários locais desde 2008, quando arrumei minha pseudomala e fui conhecer e me deixar conhecer pelo mundo além da minha terra Natal - Bezerros-PE. Hoje um quarentão bon-vivant, carrego comigo muitas histórias para contar, mas também tenho ouvido muitas histórias de outras pessoas – principalmente em estrofes de poemas.

Este ano (2024) ajudei a produzir quase meia dúzia de livros, dos pariceiros, colegas e desconhecidos. E foi no projeto Poesia de Quarta que me descobri editor de livros, produtor de livros. E olhe que sou bibliotecário faz mais de uma década.

Aprendi com Jorge Larrosa²¹ que conhecimento é aquilo que nos toca, nos atravessa, nos faz sentido, nos

²¹ Pedagogo e professor de educação lotado na Universidade de Barcelona na Espanha.

possibilitando uma verdadeira espervivência. E se tem uma coisa que faz sentido na minha vida é a Extensão Cultural. E aqui estou eu em plenas férias laborais tecendo este texto e diagramando a coletânea para provar minha devoção à cultura. Digo isto porque na seleção desta edição do livro, equivocadamente, algumas pessoas não entenderam o que é este projeto, quem são as pessoas envolvidas e o sangue, suor e poesia que atravessa tudo isto. Prazer: - Daniel Andrade, mas não estou ao seu dispor - vim para trabalhar <com> e não <para> fulano ou sicrano. As pessoas precisam aprender a ler as regras que norteiam o jogo dos concursos, e saber aceitar que ninguém é melhor do que ninguém. Nenhuma pessoa se faz poeta na marra, aqui não é um ringue onde se trocam agressões, aqui é um jardim onde semeamos poetas e poemas.

Por fim, gostaria de agradecer aos avaliadores que dedicaram um pouco de seu valoroso tempo para avaliar os 42 poemas que recebemos este ano: Glayzianne Albuquerque Lacerda de França²², Pamela Lopes Diniz

22 Natural de Cajazeiras-PB, Assistente Social e leitora. Representou o público leitor de poesia na tríade de avaliadores;

Silveira²³ e Wagner Leal Guimarães²⁴. Também gostaria de agradecer aos parceiros/pariceiros dessa jornada: Diego Nogueira Dantas, José de Arimateia Tavares, Rayssa Vitória Santos do Nascimento, Wagner Chrystoph Morais Lima e Naldinho Braga.

Espero editar e organizar muitas outras coletâneas Poesia de Quarta nos próximos anos.

Daniel Andrade (Pesqueira / Terra do Povo Indígena Xukuru do Ororubá / Pernambuco 16 de outubro dos meus 40 anos).

23 Natural de São Paulo-SP, Graduada em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Mestranda em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), da Área de Concentração Linguagem e Cultura, e da linha da Literatura Poéticas da palavra. Pesquisa na área de Análise do Discurso com base no Círculo Bakhtiniano, a partir de textos escritos por mulheres cis e trans do sertão nordestino brasileiro, como produções de slam poesia, rap e demais textos multimodalidades, orais, marginais e performáticos. Na tríade de avaliadores ocupou o lugar de jure especializado;

24 Natural de Alagoninha-PE, é professor de Matemática, técnico administrativo do IFPE e poeta cordelista, figurando em inúmeras publicações em folheto de cordel e em livros. Finalizando nossa ríade de avaliadores vem para fechar com chave de ouro trazendo o olhar do poeta para a avaliação.

Índice

Poesia Aqui, Acolá, Alhures..., 5
Intenso, 12
Daddy issues, 14
As ruas que trafegamos, 15
O amor como tese, 17
Indo e vindo infinito, 19
Os verdadeiros olhos, 20
Assoalho, 24
Meu corpo, 26
Identidade, 27
Deus no Facebook, 29
Feira livre de Santa Luzia (PB): um legado histórico, 30
Através da estrada de poeira, 32
Ecos de Dionísia: uma ode à memória e ao legado, 34
Perguntas a um professor que lê, 40
Tremores, 42
As várias faces da violência, 43
Quando se envelhece sendo jovem, 46
Talentos paraibanos, 48
Olhares, saberes e sentidos do sertão, 49
Nas nuvens desse sonho, 51
Sangue, suor e poesia, 53



COLETIVO POESIA
DE QUARTA

Este livro foi diagramado entre Bezerros-PE e Pesqueira-PE no verão de 2024, em formato 14,8 x 21. Foi impresso em papel Offset branco, 75g/m² e foi composto pelas fontes Manjari Thin, Waiting on the Bridge, Playlist Script, Intro Script e Open Sans.



Este livro foi produzido através do projeto de extensão IV Coletânea Poesia de Quarta, inscrito no EDITAL PROEXC / IFPB N° 01/2024, em parceria com a Biblioteca Profª Maria do Rosário Sá Barreto (IFPE Campus Pesqueira) e o NEC / CFP / UFCG.



O Poesia de Quarta nos presenteia com o contato com textos que já ganharam o mundo e também com uma produção poética exercitada por novos artesãos da palavra e que estão em busca dos primeiros voos literários. O projeto nos possibilita o sensível, o abraço, o sorriso, o exercício de dizer e de ouvir. É que bom que fazemos parte e nos alimentamos disso! Nos sentimos fortalecidos e protegidos pelas artes contra o 'muro' tecnológico que insiste em isolar pessoas, inviabilizando o olhar, o cheiro, o toque, o sentir. Por isso o Poesia de Quarta ser combustível para resistirmos ao caos que se estabelece a cada dia.

Prof. Naldinho Braga

